

EDITORIAL

A palavra que forma e transforma: traduzindo a fé em tempos de mudança

É comum entre diferentes tradições religiosas compreender a vida de fé como travessia: um movimento contínuo entre o dom recebido e o mundo a ser interpretado. As comunidades de fé, sejam dos tempos antigos ou contemporâneos, sempre caminharam entre dois polos inseparáveis: o fundamento da revelação e a responsabilidade de comunicá-la, vivê-la e ensiná-la em contextos plurais, mutáveis e muitas vezes fragmentados. Esta nova edição da *Kerygma* nasce precisamente nesse ponto de tensão fecunda, em que a revelação divina, considerada imutável em sua origem, encontra um mundo em transformação, convocando os que professam a fé a uma escuta renovada, a uma inteligência espiritual madura e a uma missão bem discernida.

O conjunto de estudos aqui reunidos revela que, embora distintos em suas abordagens — entre hermenêutica, educação teológica, tradução, história e fenomenologia religiosa — todos convergem para uma mesma intuição: a mensagem de boas-novas continua chamando a comunidade de fé à responsabilidade de interpretar-se e reinterpretar-se à luz de suas Escrituras, num processo que requer profundidade espiritual, rigor intelectual e sensibilidade pastoral.

O primeiro movimento dessa reflexão emerge do reconhecimento de que a verdade não é estática nem meramente conceitual. Ela é viva, dinâmica, relacional. A própria narrativa bíblica testemunha que a revelação divina, embora plena em Deus, se dá na história e para a história — e, portanto, solicita do crente não passividade, mas discernimento. O Espírito que guiou a igreja apostólica segue convocando a comunidade a “provar todas as coisas” e a renovar sua mente de modo a não se conformar às lógicas dominantes do tempo presente. Em uma era marcada pelo pluralismo, por imaginários em disputa e pela erosão de linguagens tradicionais, a tarefa hermenêutica se torna ainda mais urgente: como ouvir a Palavra no meio de



tantas vozes? E, sobretudo, como deixar que ela molde não apenas nossa doutrina, mas nossa imaginação, ética e práxis?

É nesse horizonte que se insere o primeiro dossiê desta edição, dedicado à Educação Teológica. A formação em Teologia — longe de ser um exercício de erudição distante — é apresentada, nos estudos reunidos, como ato de responsabilidade escatológica. Em tempos de aceleração, superficialidade informacional e subjetividades fragmentadas, a educação teológica ressurge como espaço de cultivo da sabedoria e de maturação espiritual. Ela protege a igreja da tentação do imediatismo e da “preguiça teológica”, e reafirma que a missão não pode prescindir da reflexão sólida, da leitura fiel das Escrituras e da competência pastoral para discernir as demandas de um mundo em constante reconfiguração. A formação não é luxo; é serviço. Não é atraso escatológico; é preparo missional.

O segundo dossiê, dedicado às traduções dos escritos de Ellen G. White, amplia essa mesma reflexão sob outro ângulo: o da comunicação da fé. Se a verdade precisa ser ensinada e cultivada, ela também precisa ser dita — e dita de maneira inteligível, pertinente e fiel. A tradução, nesse sentido, não é mero procedimento técnico, mas gesto teológico: envolve escutar a mensagem em sua profundidade original, captar sua intencionalidade espiritual e reenunciá-la em um idioma vivo, capaz de alcançar novas gerações. Toda tradução é também interpretação; e toda interpretação é responsabilidade. Num campo em que nuances linguísticas moldam a compreensão espiritual, o cuidado tradutório torna-se parte integrante da missão.

Esses dois eixos — formação e tradução — iluminam-se mutuamente. A formação teológica prepara tradutores, intérpretes e mestres capazes de transmitir a fé com lucidez; e o esforço tradutório, por sua vez, renova a linguagem da fé e impede que ela se cristalice em formas opacas ao mundo contemporâneo. Ambos apontam para uma verdade maior: o cristianismo é uma tradição viva, que se comunica, se reinterpreta e se traduz continuamente, sem perder seu fundamento bíblico.

A seção de artigos gerais e as resenhas que completam esta edição ampliam esse horizonte, oferecendo ao leitor debates que atravessam Escritura, história e cultura, e que revelam a profundidade e a atualidade da Teologia quando ela se permite dialogar criticamente com o presente. A diversidade temática, longe de



fragmentar o volume, testemunha a amplitude do campo teológico e sua capacidade de responder, com fidelidade e inteligência, aos desafios de cada tempo.

Desse modo, este número da *Kerygma* convida o leitor a participar dessa peregrinação intelectual e espiritual. Entre o texto sagrado e os contextos em mudança, entre a memória da fé e sua tradução para novas realidades, entre a busca da verdade e a missão no mundo, a Teologia permanece como exercício de discernimento, fidelidade e esperança. Que esta edição, portanto, inspire em nossos leitores o desejo de escutar a Palavra com profundidade, de pensar a fé com responsabilidade e de viver a missão com coragem – sempre na certeza de que a verdade que buscamos é, antes de tudo, Aquele que nos busca.

Flavio Prestes Neto & Eduardo Rueda Neto
Editores Científicos
Kerygma – Volume 20, Número 1 (2025)